



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

TÍTULO: Sobre o e-book; produção editorial e novas tecnologias¹

AUTOR: Nízia Villaça

INSTITUIÇÃO: Escola de Comunicação/UFRJ

PALAVRAS-CHAVES: Livro, e-book e subjetivação

RESUMO:

A intenção é fazer algumas reflexões em torno do aparecimento do livro eletrônico e de questões divulgadas pela mídia e literatura específica sobre a potencialidade de seus diversos formatos e suportes (on-line, e-book, CD rom) no confronto com as estratégias de comunicação surgidas com o advento da imprensa.

Pretende-se também refletir sobre o exercício da subjetivação no contemporâneo e as relações de poder que se instalam no horizonte das novas tecnologias, pensando os usos e aplicações que formam o contexto das motivações cognitivas das novas tecnologias face às demandas sociais de participação comunicativa e acesso democrático às fontes.

SOBRE O E-BOOK; PRODUÇÃO EDITORIAL E NOVAS TECNOLOGIAS

*“Contar estórias e escutá-las cria um elo
entre dois
protagonistas e os mantêm ligados na*

negociação da

verdade da experiência humana”.

Zygmunt

Bauman

¹ Trabalho apresentado no NP04 – Núcleo de Pesquisa Produção Editorial, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



As profundas transformações de nossas referências científicas, de nossas técnicas, da organização do trabalho, da família, das escolas, do espaço e do tempo provocam hoje as mais diversas reações. Como nos orientar no mundo global que se levanta e parece substituir o antigo?

Para Michel Serres¹, por um lento reequilíbrio, as mais raras novidades se ancoram em hábitos milenares que não havíamos percebido. O autor enfatiza a melhor adaptação das novas técnicas quando elas remetem a antigas referências. A dinamização deste espaço “entre” implica pensar a articulação entre o conhecido e o desconhecido que existe desde a aurora da humanidade. É este espaço de passagem que basicamente estará em jogo na avaliação do impresso e do eletrônico de forma a não alimentar o costumeiro hiato estabelecido entre a cultura do papel e as novas tecnologias dando margem a tecnofilias ou tecnofobias. Tem razão Steven Johnson² quando lembra que sempre tivemos dificuldades em enxergar a fusão entre tecnologia e cultura. Para o autor, a vida de Leonardo da Vinci ou de Thomas Edison bastaria para nos convencer de que a mente criativa e a mente técnica co-habitam de longa data.

Um espectro de humores, julgamentos e expectativas, há alguns anos, intensificam os debates sobre a cultura eletrônica e mais particularmente o livro eletrônico, promovendo encontros e entrevistas com especialistas na mídia impressa e eletrônica. Remetendo a Michel Serres e ao espaço “entre” que percorremos por ocasião das grandes transformações tecnológicas, penso que todo este alvoroço intelectual, político, econômico faz parte desta travessia. Inicialmente, falava-se sobre *e-book* mas não o descreviam com precisão, de modo a estabelecer diferenças entre o livro criado para o computador, o livro apenas disponibilizado na rede e o CD-Rom. Não distinguiam livro e texto, discussões essenciais quando se afirma que o livro impresso está morrendo.

¹ SERRES, Michel. *Atlas*. Paris: Champs/Flammarion, 1994.

² JOHNSON, Steven. *Cultura da interface: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar*. Trad. Maria Luísa X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

1 Trabalho apresentado no NPO4 – Núcleo de Pesquisa Produção Editorial, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



Transcrevo duas citações como forma oportuna de remeter ao processo de ruptura/continuidade que envolve o futuro do livro, sua representação histórica e avaliações do livro eletrônico como provocação para pensar questões aí embutidas.

“Na Internet, “Ulisses” de James Joyce, tem sido relido

como uma obra que antecipou o imaginário do ciberespaço.

Ensaaios disponíveis na rede discutem desde a presença de um

núcleo ciberespacial até suas afinidades com a teoria do caos³”.

“E o que vai o país-pererê e o país-curupira fazer com

o livro eletrônico se ainda não descobriu sequer a leitura e o

livro de papel⁴”?

A primeira epígrafe refere-se à antecipação do imaginário da Web pela estrutura de temporalidade múltiplas da obra de James Joyce e corrobora de alguma forma meu pensamento a propósito da importância da estrutura do imaginário literário na passagem do impresso ao eletrônico. Quando James Joyce publicou *Ulisses* em 1922, revolucionando nossas expectativas literárias, revelou-se um técnico altamente qualificado que andou fazendo experiências com a máquina-livro: “ele poderia perfeitamente ser visto como um programador que escreveu códigos para plataforma da

³ BEIGUELMAN, Giselle. In: *Jornal Folha de São Paulo*. Ilustrada, junho de 1997. p. 10. Ensaios sobre o assunto são acessíveis por meio do site do Blomscyberday (<http://www.uol.com.br/bibliot/bloomsday>).

⁴ SANT’ANNA, Affonso Romano de. In: *Jornal O Globo*. Segundo Caderno, 31 de março de 1999. p. 8. E-mail: Santanna@novanet.com.br

¹ Trabalho apresentado no NP04 – Núcleo de Pesquisa Produção Editorial, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



máquina impressora. Joyce escreveu software para um hardware originalmente materializado por Gutenberg⁵”.

A segunda epígrafe situa-se no extremo oposto da avaliação do universo tecnológico, apontando para uma abundância de infraleitores brasileiros num mundo de hiperleitores que caminha para o século XXI, o que remete à discussão sobre globalização e sobre o acesso democrático às tecnologias.

Uma série de conceitos precisam ser pensados progressivamente, na articulação dos pares global/local, corporeidade/virtualidade, abertura/controle, certeza/incerteza, simplicidade/complexidade, familiaridade/estranhamento, experiência/entretenimento, nas fronteiras do universo informático comunicacional, nos limites entre ciência, arte e cultura. O objetivo é refletir sobre o exercício da subjetivação no contemporâneo e as relações de poder que se instalam no horizonte das novas tecnologias, pensando os usos e aplicações que formam o contexto das motivações cognitivas das novas tecnologias face às demandas sociais de participação comunicativa e acesso democrático às fontes. Embora subentendendo tarefa ciclópica, o assunto pode ser tratado através de pequeno roteiro. Refiro-me à narração de alguns acontecimentos históricos, sócio-econômicos, antropológicos, filosóficos e políticos no trajeto do que vem sendo chamado de escritura, enquanto estratégia, que, a partir, sobretudo, dos séculos XVII e XVIII, articula a linguagem, seu estatuto e pretensões, com a distribuição dos lugares do saber e do poder.

De forma não determinante, mas integrada num processo genealógico, privilegiamos as considerações sobre a dimensão técnica, devido às mudanças que hoje, mais que nunca, se dão em velocidade crescente e exigem uma reflexão sobre quais as vias de acesso ao saber, como se processa sua legitimação, quais os destinos do saber crítico e não meramente cumulativo, como fica a questão cultural, suas mediações, para além dos poderes hegemônicos. Os aspectos técnicos são, certamente, importantes, mas, não devem, obscurecer o fato de que o desenvolvimento dos meios de comunicação é uma reelaboração do caráter simbólico da vida social, uma reorganização dos meios pelos quais a informação e o conteúdo simbólico são produzidos e intercambiados no

⁵ JOHNSON, Steven. Op. cit., p. 8.

1 Trabalho apresentado no NPO4 – Núcleo de Pesquisa Produção Editorial, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



mundo social e uma reestruturação dos meios pelos quais os indivíduos se relacionam entre si. Preocupa-nos uma abordagem “cultural” dos meios técnicos, conectada ao significado das formas simbólicas e sua contextualização social. Como acentua John B. Thompson⁶, os meios de comunicação têm uma dimensão simbólica irredutível, ligada à produção, armazenamento e circulação de materiais entre produtores e receptores. Não se pode perder de vista esta dimensão. Em sua teoria social, o autor privilegia a comunicação como fenômeno integral de contextos mais amplos da vida social. A comunicação mediada é sempre um fenômeno social implantado em contextos que se estruturam de diversas maneiras e que, por sua vez, produzem impacto na comunicação que ocorre. Uma vez que a comunicação é geralmente “fixada” num substrato material de algum tipo – palavras inscritas em papel, por exemplo, ou imagens gravadas em películas – é fácil focalizar a circulação das mensagens da mídia e ignorar a complexa mobilização das condições sociais que subjazem à produção e circulação destas mensagens.

Barbero⁷ analisa a importância das mediações, paralelamente às determinações dos meios, na evolução do processo cultural como espaço estratégico da hegemonia. Se, em meados do século XIX, a demanda popular e o desenvolvimento das tecnologias de impressão vão fazer das narrativas o espaço de decolagem da produção massiva, como veremos a propósito do folhetim, comenta Barbero que a mediação passa a encobrir as diferenças e conciliar os gostos quando realiza a abstração da forma mercantil na materialidade tecnológica da fábrica e do jornal.

A complexidade corporificada nas mediações pode ser analisada no momento do surgimento da imprensa, no momento da aceleração do processo com a introdução da rotativa e, na atualidade, quando os lugares de produção e reprodução sofrem novo abalo.

Interpreto a passagem da cultura impressa à eletrônica, seguindo o fio de abertura oferecido desde sempre pela arte em geral e a criação literária em particular,

⁶ THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade*; uma teoria social de mídia. Trad. Wagner de Oliveira Brandão. Revisão da trad. Leonardo Corretzer. Petrópolis, RJ.: Vozes, 1998. p. 19.

⁷ MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações*; comunicação, cultura e hegemonia. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

1 Trabalho apresentado no NPO4 – Núcleo de Pesquisa Produção Editorial, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



como lugar de onde ler as inscrições da subjetividade no contemporâneo. A leitura de Giulio Carlo Argan⁸, discutindo, no campo estético, as noções de projeto e destino diante das novas tecnologias, nos é útil para visualizar as estruturas que delineiam hoje transformações paradigmáticas. Estaremos presos ao “*fatum*” tecnológico ou somos capazes de ressignificar a noção de projeto? Como assinala Barbero, a arte e o campo literário em particular é um lugar privilegiado para analisar a crise que nos constitui “que não é só um *fato* social, e sim *razão* de ser, tecido de temporalidades e espaços, memórias e imaginários que até agora só a literatura soube exprimir⁹”.

Segundo o historiador Roger Chartier um dos grandes equívocos das obras que tratam da história do livro e da leitura é não fazer uma distinção entre a leitura da necessidade e a leitura apaixonada. Para a primeira, o texto eletrônico e todas as suas vantagens são muito apropriadas, por eliminarem barreiras de tempo, espaço e seleção, proporcionando rapidez e barateamento do acesso às obras. A leitura de fruição, no entanto, se completa no contato corporal com o livro. Não é uma maratona contra o tempo, mas uma tentativa de suspender a temporalidade, percorrendo meandros e experimentando profundidade. Segundo o autor, devido a uma pressão psicológica, o leitor de suportes eletrônicos tende a transmitir para o ato de decodificação a velocidade do meio, transformando-se no que Guimarães Rosa definiu como leitor cavalo, que come apressadamente tudo sem tempo para ruminar¹⁰.

As perguntas se sucedem sobre se a era do humanismo acabou, se assistimos ao nascimento de uma nova espécie, se o corpo tornou-se obsoleto a partir das intervenções maquínicas. O que a tecnologia ameaça? O que é o humano? Como fica a liberdade hoje? O que recebemos? O regresso a uma barbárie pré-histórica ou o advento de uma barbárie tecnológica e pós-humana? Construiremos uma democracia virtual?

O domínio das comunicações constituiu um setor privilegiado pelos estudos prospectivos nos últimos trinta anos aproximadamente. Foram sendo sucessivamente

⁸ ARGAN, Giulio Carlo. *Projeto e destino*. Trad. Marcos Bagno. Rio de Janeiro: Ática, 2000. p. 7-83. Ver discussão arte/história/tecnologia. Segundo o autor uma investigação séria sobre a evolução tecnológica não pode prescindir da questão da arte como componente constante na designação de modelos de valor no processo histórico. A tecnologia correria o risco de des-historieizar o comportamento humano e a si mesmo, revogando a ligação que no passado manteve com a arte.

⁹ MARTÍN-BARBERO, Jesús. Op. cit., p. 259.

¹⁰ Apud CHARTIER, Roger. In: *Jornal Gazeta do Povo*. Caderno G, 08 de março de 1999. p. 3.

1 Trabalho apresentado no NP04 – Núcleo de Pesquisa Produção Editorial, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



anunciadas numerosas “revoluções” a partir das profecias de Marshall McLuhan, a propósito do fim da “galáxia Gutenberg” e da instituição de uma “aldeia global” eletrônica e planetária. A idéia de uma “revolução” que transformaria de alto a baixo as nossas sociedades associou-se a toda uma série de inovações técnicas em informação e comunicação surgidas a partir dos anos 60: distribuição por cabo dos sinais de televisão, implantação das redes de satélites de comunicação, aparecimento do vídeo portátil e, a seguir, do gravador doméstico, invenção da microinformática, convergência entre informática e telecomunicação que desembocou na telemática, redes digitais integradas, televisão interativa, telemóveis, televisão de alta definição – que se pretende substituir hoje pela noção de digitalização –, auto-estradas eletrônicas e da informação etc.

Tais previsões levam em consideração, evidentemente, certos progressos técnicos da comunicação, mas continuam a ser largamente influenciadas pela ideologia da comunicação ou seja, tudo se passa como se as técnicas engendrassem, pela sua simples presença, utilizações imediatas e entusiásticas por parte de um público carente de novos produtos.

A discussão sobre o assunto é complexificada pela idealização e antecipação com que muitas das inovações tecnológicas são tratadas. Paul Virilio comenta os abusos mediáticos que envolvem certas “descobertas”, o caráter publicitário da divulgação prematura dos resultados desta ou daquela experiência. Para o autor, esses abusos não passam de uma maneira de condicionar a opinião pública por meio de uma ciência dos extremos, menos preocupada com a verdade que com o impacto do anúncio de um achado¹¹.

O livro eletrônico pode ser avaliado de diversos ângulos: facilidade de compilação em termos espaciais, enriquecimento multimídia, qualidade da dimensão interativa, nível de liberdade propiciado, qualidades que se distribuem com maior ou menor ênfase nos diferentes suportes. As transformações dizem respeito tanto ao modo de produção quanto à reprodução. Sofrem um abalo as tarefas de profissões que, no século XIX, depois da revolução industrial da imprensa, a cultura escrita criou: autor,

¹¹ VIRILIO, Paul. *A bomba informática*. Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade, 1999. p. 11.

1 Trabalho apresentado no NP04 – Núcleo de Pesquisa Produção Editorial, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



editor, tipógrafo, distribuidor, livreiro. Na opinião de Wilson Dizard¹², os setores editoriais tradicionais, jornais, revistas e livros, estão adaptando seus estilos operacionais às realidades do computador e também enfrentando a concorrência de um número cada vez maior de provedores eletrônicos de informação.

A propósito das previsões no campo literário para o próximo milênio, ao falar da literatura hoje, somos obrigados a falar da tecnologia e do fenômeno da multiplicação das pequenas editoras. Um programa de editoração e diagramação pode hoje, no computador, substituir uma equipe de técnicos e um parque de máquinas. Das seis etapas de produção de um livro, quatro podem ser feitas num computador caseiro: preparação do texto, revisão, capa e impressão de “laser film”, restando apenas o fotolito da capa e a gráfica¹³.

Em finais de 1998 o jornal *O Globo* declarava: “esqueça as estantes”¹⁴. O lançamento do primeiro livro eletrônico do mundo, o Rocket eBook, em 99, prometia poupar espaço e transformar hábitos de leitura. Os especialistas apostavam que seria uma revolução similar a que Gutenberg provocara quando inventou a imprensa em 1452: dez romances em 627 gramas de tecnologia digital. Tal revolução ainda não se deu, talvez devido aos processos adaptativos requeridos para tal passagem, sobretudo, no que concerne aos hábitos corporais.

Como bem sublinha Zigmunt Bauman em texto enviado ao Congresso sobre o futuro do livro, realizado em agosto/2000 na Academia Brasileira de Letras¹⁵, as determinações tecnológicas só podem ser levadas em consideração na articulação com outros fatores da organização e interação social. Referindo-se à passagem da cultura oral a impressa, acentua o fato de que a transmissão da experiência *in presentia*, marca dos primeiros narradores, como bem assinalou Benjamin, foi substituída, no mundo de Gutemberg, pelo afastamento da vivência em comum e pela alteração do papel do

¹² DIZARD, Wilson P. *A nova mídia; a comunicação de massa na era da informação*. Trad. Edmond Jorge; revisão técnica, Tony Queiroga. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

¹³ PÉCORÁ, Alcir. “Literatura”. In: Revista *Mais* – Milênio para iniciantes; um guia para entender o futuro. Folha de São Paulo. 31 de dezembro de 2000. p. 15.

¹⁴ Jornal *O Globo*, Primeiro Caderno. 11 de novembro de 1998. p. 5 e Jornal *O Globo*. Caderno Informática. 12 de abril de 1999. p. 4.

¹⁵ BAUMAN, Zygmunt. “O livro e o diálogo das culturas no momento da mundialização: das relações de produção à produção de relações”. Palestra realizada no Colóquio Internacional UNESCO & Fundação Biblioteca Nacional intitulado *O Lugar do Livro: entre a nação e o mundo*. 30 de agosto de 2000.

1 Trabalho apresentado no NPO4 – Núcleo de Pesquisa Produção Editorial, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



narrador que passa a acrescentar algo ao mundo. Tal acréscimo passou a representar perigo para os sentimentos de continuidade e ordenação. A circulação de histórias podia provocar reflexão, mudança, movimentos de desagregação, numa época em que se formavam as nacionalidades e em que se buscava unidade lingüística, homogeneidade cultural e culto da tradição. Este sentimento duplo a respeito do papel do livro como fator de reassseguramento ou de turbulência pontuou sua evolução. Assim, Milan Kundera, em *A arte da novela*¹⁶, condena o movimento de Khomeini contra os escritos de Salman Rushdie, percebendo-o como uma agressão à liberdade artística vista por ele, na ótica da contracultura, como lugar de resistência contra o tecnocientificismo e a cultura burocrática da modernidade. Por outro lado, Umberto Eco, que não viveu as pressões do totalitarismo, como Kundera, mas um mundo confuso, um “cassino cultural” onde a liberdade era sentida, por vezes, como peso mais que ganho, viu no livro, afirma Bauman, um lugar de reassseguramento, em meio a turbulência do real. Quanto à cultura eletrônica, pensa Bauman que ela só pode ser medida se se pensar, mais do que nas determinações da técnica, no jogo do social onde predomina a velocidade, a fragmentação e a cultura do entretenimento. A preocupação com o futuro dos livros exige que se olhe mais de perto a sociedade e seus caminhos, de modo a tornar os livros possíveis na sociedade que habitamos, tentando evitar que a sociedade se torne imprópria para os livros.

As qualidades do livro eletrônico podem ser melhor discutidas se nos referirmos ao texto eletrônico *on line* e é o que fazemos, acreditando que o livro eletrônico em CD-Rom, por sua vez, constitui apenas uma mudança de suporte relativamente ao impresso, apresentando, além da organização autoral, a do programador, sem que com isso queiramos tirar-lhe suas qualidades enquanto sintetizador dos recursos textuais, sonoros e visuais em obras sobretudo de cunho enciclopédico e didático.

As reações diante do diálogo homem/máquina, e toda a parafernália conceitual das novas tecnologias, freqüentam a mídia e os meios acadêmicos, despertando os mais variados humores. O jornalista Sérgio Augusto¹⁷, em 1997, adjetivava a realidade

¹⁶ KUNDERA, Milan. Apud BAUMAN, Zigmunt. Op. cit., p. 3.

¹⁷ AUGUSTO, Sérgio. Jornal *O Globo*. Segundo Caderno, 31 de maio de 1997. p. 4.

1 Trabalho apresentado no NPO4 – Núcleo de Pesquisa Produção Editorial, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



virtual como nada virtuosa e, olhando o mundo na virada do milênio, afirmava que não merecera ainda um epíteto à altura de suas tendências dominantes. Segundo ele, a década de 90 não fora a do cérebro, como classificou o *American Demographics* em 1993, ou a década da decência, segunda colocada no certame, nem a época dos gays, nem a do pragmatismo, mas a da realidade virtual. A realidade virtual, para o articulista, é a visão *junkie* da vida como o *Big Mac* é a versão *junkie* da comida e a pornografia, a do sexo, aludindo a um processo do tipo *fast food*.

A polêmica em torno da técnica e sua representação cultural vem de longe e na verdade sempre existiu, embora entre os gregos o sentido de *techne* fosse mais abrangente, implicando em criatividade e subjetivação criadora, *poieses*, como é patente, sobretudo, na tradição cênica.

Certamente, a invenção da imprensa, com a disseminação do livro e tantas outras descobertas da era moderna, foram determinantes de uma revolução do imaginário humano, criando processos de subjetivação que, através dos séculos, se construíram e desconstruíram num jogo de disciplina e descontrole de si, do outro e das condições de sociabilidade.

Os séculos XVII e XVIII organizam o saber impresso e põem na ordem do dia o programa de uma ciência útil ligada aos fatos de onde emerge a representação de um mundo em movimento, suscetível de ser modificado. O aparecimento da comunicação como projeto e aplicação da razão inscreve-se na linha direta deste ideal de perfectibilidade que implicava em movimento e controle, conforme acentua Armand Mattelart¹⁸.

O século XVII inicia-se sob o signo do engenhoso D. Quixote de La Mancha e encerra-se com o engenheiro Vauban (1633-1707). Um lutou contra moinhos em campo aberto; o outro construiu praças-fortes e erigiu cercos. A dialética de liberdade e controle prossegue com o desenvolvimento do industrialismo no século XIX. Paralelamente ao descontrole provocado pela maior circulação de bens, aumentou também a homogeneização e o controle, confirmados pelo interesse pelos estudos estatísticos, determinação de públicos-alvo e constituição da cultura de massa.

¹⁸ MATTELART, Armand. *A invenção da comunicação*. Lisboa: Epistemologia e Sociedade, 1996. p. 17.
1 Trabalho apresentado no NPO4 – Núcleo de Pesquisa Produção Editorial, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



As questões suscitadas pelas novas tecnologias da comunicação continuam a constituir hoje um ponto de interrogação em termos de auto-determinação, como provam as discussões entre economistas, engenheiros da comunicação, artistas e críticos da cultura. Abertura à complexidade, à cultura na sua pluralidade, ou nova estratégia de poder?

Com a remissão à questão da complexidade, refiro-me a compreensão da subjetividade humana que, como sublinha Guattari em *Caosmose*¹⁹, deixa de centrar-se na consciência para englobar um espectro semiótico mais amplo onde o viés maquínico há de ser considerado paralelamente a devires minerais, animais e outros, incluindo aí as metamorfoses do corpo tornado instável e virtual.

Alcançaremos uma democracia virtual, um acesso ativo de telecidadãos à aclamada inteligência coletiva, ou permaneceremos na mera utilização passiva dos sistemas de *softwares* das grandes transnacionais, imergindo no que poderíamos chamar de “microssofística” pelo cruzamento do império Microsoft com a sofística: poder transnacional, fascinação e passividade. O sentido de sofística acha-se aqui empregado na concepção platônica pejorativa, uma vez que ele hoje é positivado como abertura nos estudos do discurso como produção do real²⁰.

Léo Scheer²¹ chama atenção para a queda do muro de Berlim como acontecimento emblemático da crise das grandes narrativas, da História, da ideologia e das crenças. Num cenário em ruínas, vagueiam, como fantasmas, os antigos heróis: os intérpretes e narradores, os sujeitos históricos e os hagiógrafos, políticos e mediáticos. Instala-se uma desregulamentação que vem sendo problematizada. Tendo a História deixado de ser uma ficção eficaz, já nada, nem ninguém precisa ser o seu sujeito. Consequentemente também a comunidade entra em crise com o esgarçamento do vínculo social. A situação leva a um retrocesso no âmbito da organização social, a uma situação típica dos primeiros Estados liberais descrito por Carlos Nelson Coutinho: “por um lado,

¹⁹ GUATTARI, Félix. *Caosmose*; um novo paradigma estético. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. p. 159.

²⁰ Ver sobre o assunto: CASSIN, Barbara. *L'effet sophistique*. Paris: Gallimard, 1995.

²¹ SCHEER, Léo. *A democracia virtual*. Trad. Maria da Conceição Pereira dos Santos. Revisão científica Jorge Rosa. Lisboa: Edições Século XXI, 1997. p. 9-17.

¹ Trabalho apresentado no NPO4 – Núcleo de Pesquisa Produção Editorial, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



indivíduos atomizados, puramente privados lutando por seus interesses econômicos imediatos; por outro, os aparelhos estatais como único representante de um pretense interesse público, de uma suposta vontade geral²²”.

Se a afirmação do chargista Luís Fernando Veríssimo sobre a *Net* procede, a rede não propicia a organização política de sociedade civil que vinha se pluralizando ao lado da sociedade burocrática Estatal.

*“Mas estar por fora da Internet inaugura uma nova era de exclusão, a era
“out” irremediável. A era dos “purfas” totais. Não demora, o mundo se
dividirá entre os que fazem tudo pelo computador, inclusive, não duvido,
procriar e os perplexos. Nunca nos encontraremos. Você e a sua laia
ultrapassada comprarão discos e livros em lojas de discos e livros, se
conseguirem encontrar alguma, enquanto eles
“download”
(dãoloudeiam?) o que querem das suas máquinas”²³.*

Cairemos num determinismo tecno-economicista? A superestrutura cultural perderá a independência e pluralidade adquirida para entrar no que Gramsci chamou de modernização conservadora caracterizada pelo processo hegemônico através de conceito de “transformismo” e cooptação de políticos, intelectuais e outros grupos²⁴.

Conduzirá o desencanto da ordem política, fatalmente, a uma forma catódica e eletrônica de tirania e de condicionamento das almas? Iremos nós ser mergulhados no *software* democrático, que efetua, em tempo real, o que a ditadura das sondagens de

²² COUTINHO, Carlos Nelson. *A democracia como valor universal*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1980. p. 27.

²³ VERÍSSIMO. *Jornal O Globo*, 15 de julho de 1999. p. 7.

²⁴ Ver COUTINHO, Carlos Nelson. *Op. cit.* p., 57.

1 Trabalho apresentado no NPO4 – Núcleo de Pesquisa Produção Editorial, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

opinião não conseguiu fazer? Cairemos nas mãos de alguns programadores “politicamente corretos”?

Ou poderemos alcançar um novo tipo de *ágora*? Se considerarmos o sentido etmológico de crise (Krisis = separação), alcançaremos a ultrapassagem e a construção de uma ponte? O telecidadão, liberto das máquinas disciplinares republicanas e das instituições normalizadoras, reatará a relação com os dois parâmetros da democracia ateniense: a *politike techne* (a arte do juízo político) e a *isegoria* (direito, igual para todos, de falar à assembléia)?

As perguntas sem respostas definitivas são a tônica, notadamente quando a temática proposta está, apenas, começando a atualizar-se na construção de um saber-crítico processual. Para Léo Scheer é num contexto de inversões, de desmontes que se joga a partida decisiva cujo resultado dependerá, paradoxalmente, da vitalidade político/ideológica.



NOTAS BIBLIOGRÁFICAS:

Apud CHARTIER, Roger. In: *Jornal Gazeta do Povo*. Caderno G, 08 de março de 1999.

ARGAN, Giulio Carlo. *Projeto e destino*. Trad. Marcos Bagno. Rio de Janeiro: Ática, 2000. Ver discussão arte/história/tecnologia. Segundo o autor uma investigação séria sobre a evolução tecnológica não pode prescindir da questão da arte como componente constante na designação de modelos de valor no processo histórico. A tecnologia correria o risco de des-historieizar o comportamento humano e a si mesmo, revogando a ligação que no passado manteve com a arte.

AUGUSTO, Sérgio. *Jornal O Globo*. Segundo Caderno, 31 de maio de 1997.

BAUMAN, Zygmunt. “O livro e o diálogo das culturas no momento da mundialização: das relações de produção à produção de relações”. Palestra realizada no Colóquio Internacional UNESCO & Fundação Biblioteca Nacional intitulado *O Lugar do Livro: entre a nação e o mundo*. 30 de agosto de 2000.

BEIGUELMAN, Giselle. In: *Jornal Folha de São Paulo*. Ilustrada, junho de 1997. Ensaios sobre o assunto são acessíveis por meio do site do Blomscyberday (<http://www.uol.com.br/bibliot/bloomsday>).

CASSIN, Barbara. *L'effet sophistique*. Paris: Gallimard, 1995.

COUTINHO, Carlos Nelson. *A democracia como valor universal*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1980.

DIZARD, Wilson P. *A nova mídia; a comunicação de massa na era da informação*. Trad. Edmond Jorge; revisão técnica, Tony Queiroga. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

GUATTARI, Félix. *Caosmose; um novo paradigma estético*. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

JOHNSON, Steven. *Cultura da interface: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar*. Trad. Maria Luísa X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Jornal *O Globo*, Primeiro Caderno. 11 de novembro de 1998 e Jornal *O Globo*. Caderno Informática. 12 de abril de 1999

KUNDERA, Milan. Apud BAUMAN, Zigmunt. Op. cit., p. 3.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações; comunicação, cultura e hegemonia*. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MATTELART, Armand. *A invenção da comunicação*. Lisboa: Epistemologia e Sociedade, 1996.

PÉCORA, Alcir. “Literatura”. In: Revista *Mais* – Milênio para iniciantes; um guia para entender o futuro. Folha de São Paulo. 31 de dezembro de 2000.

SANT’ANNA, Affonso Romano de. In: Jornal *O Globo*. Segundo Caderno, 31 de março de 1999.

SCHEER, Léo. *A democracia virtual*. Trad. Maria da Conceição Pereira dos Santos. Revisão científica Jorge Rosa. Lisboa: Edições Século XXI, 1997.

SERRES, Michel. *Atlas*. Paris: Champs/Flammarion, 1994.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade; uma teoria social de mídia*. Trad. Wagner de Oliveira Brandão. Revisão da trad. Leonardo Corretzer. Petrópolis, RJ.: Vozes, 1998.

VERÍSSIMO. Jornal *O Globo*, 15 de julho de 1999.

VIRILIO, Paul. *A bomba informática*. Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.